

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER
31 DE JANEIRO DE 2022

The Celluloid Closet / 1995

um filme de Rob Epstein e Jeffrey Friedman

Realização: Rob Epstein e Jeffrey Friedman / **Argumento:** Rob Epstein, Jeffrey Friedman, Sharon Wood, Armistead Maupin (baseado no livro "The Celluloid Closet: Homosexuality in the Movies" de Vito Russo / **Fotografia:** Nancy Schreiber / **Som:** Laretta Molitor / **Montagem:** Jeffrey Friedman, Arnold Glassman **Música:** Carter Burwell / **Com:** Lily Tomlin (narração) e depoimentos de Tony Curtis, Susie Bright, Arthur Laurents, Armistead Maupin, Whoopi Goldberg, Jan Oxenberg, Harvey Fierstein, Quentin Crisp, Richard Dyer, Jay Presson Allen, Gustav Ketterer, Gore Vidal, Farley Granger, Paul Rudnick, Shirley MacLaine, Barry Sandler, Mart Crowley, Antonio Fargas, Tom Hanks, Ron Nyswaner, Daniel Melnick, Harry Hamlin, John Schlesinger, Susan Sarandon.

Produção: ARTE, Brillstein-Grey Entertainment, Channel Four Films, Home Box Office (HBO) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, 101 minutos, versão original falada em inglês e legendagem eletrónica em português / **Estreia Mundial:** Festival de Cinema de Toronto, 13 de setembro de 1995. Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Produzido na sequência da plena afirmação do New Queer Cinema (**Poison**, de Tod Haynes, e **My Own Private Idaho**, de Gus Van Sant, são ambos de 1991, e **The Living End**, de Greg Araki, estreou em 1992, para referir três exemplos de filmes provenientes do cinema dito independente que chegaram a públicos mais vastos) e da consequente renovação da representação da homossexualidade no contexto do cinema americano, **The Celluloid Closet** teve o mérito de ser o primeiro documentário com alguma repercussão pública a fazer a autocrítica da antiga e profunda homofobia de Hollywood. Adaptando com reverência as principais ideias do ensaio homónimo de Vito Russo publicado originalmente em 1981 (e necessariamente atualizando-o para incluir também, na sua parte final, a "revolução" trazida precisamente pelo New Queer Cinema), **The Celluloid Closet** faz uma interessante arqueologia do cinema americano na sua relação com a questão da representação homossexual, tal como esta chegava (ou não) aos ecrãs. Fora do ecrã haverá toda uma outra história paralela da homossexualidade na indústria cinematográfica americana que nem o livro nem o filme dão conta (sobre isso encontra-se muito mais assunto em *Hollywood Babylon* de Kenneth Anger).

Dividindo a história das formas de representação da homossexualidade no cinema americano em "etapas", cada uma delas com uma determinada configuração (os principais capítulos do livro - "Who's a sissy?: Homosexuality According to Tinseltown", "The way we weren't: The Invisible Years", "Frightening the horses: Out of the Closets and into the Shadows", "Struggle: Fear and Loathing in Gay Hollywood" - são retomados na estrutura do filme ainda que não explicitamente), **The Celluloid Closet** estabelece uma linha de "evolução" do tratamento do tema no cinema americano (talvez demasiado linear e esquecendo as inevitáveis exceções,

contradições e retrocessos presentes em cada fase) , que vai do seu tradicional recalçamento através da irrisão, vitimização ou demonização até ao momento da “libertação” trazida por esse novo cinema *queer* (no tom excessivamente otimista do seu final, o filme segue uma tradição ainda mais antiga do cinema americano, a do *happy end* algo forçado).

Na passagem do livro para o filme, Rob Epstein e Jeffrey Friedman (dupla que está ligada a vários filmes sobre temáticas próximas como **The Times of Harvey Milk**, **Common Threads: Stories from the Quilt**, **Paragraph 175** e **Howl**) recuperaram não só a organização do livro como a extensa filmografia que lhe serve de *corpus* de demonstração das suas teses (quem contou diz que o filme inclui excertos de 120 filmes diferentes, usados quase sempre com bastante pertinência e que só por si valem a visão deste filme) e acrescentaram-lhe um conjunto de entrevistas “legitimadoras” no registo monótono de *talking heads* (ditado porventura pela importância da televisão no financiamento do projeto) feitas a uma ampla paleta de deponentes do meio cinematográfico americano, a qual vai de Farley Granger (que é entrevistado a propósito de **Rope** de Hitchcock e do carácter não explicitado da natureza da relação entre os dois psicopatas protagonistas) a Susan Sarandon (que fala sobre **Thelma & Louise** como uma história de amor entre duas mulheres). Cada um dos entrevistados traz para o filme o mesmo olhar revisionista sobre a forma como Hollywood mostrou gays e lésbicas ao longo da sua existência, fazendo a devida correção dessa má consciência (quando essa correção é feita com humor, como no caso das tiradas verrinosas de Whoopi Goldberg, Tony Curtis ou de Gore Vidal, o filme ganha consideravelmente). Independentemente da evidente justeza da maior parte dessas críticas, não podemos deixar de sentir que Hollywood é um alvo fácil e apetecível, mas que está apenas no lugar do réu por toda uma sociedade moralmente conservadora que durante muito tempo discriminou qualquer diferença da orientação sexual tida como “correta”.

Se é verdade que para o cinéfilo mais conhecedor o filme não trará grandes novidades (mesmo assim há pelo menos dois ou três dos filmes citados que convidam à descoberta) dar-lhe-á certamente razões para pensar como eventualmente seria muito diferente contar a história da representação da homossexualidade no cinema não-americano (e não é preciso ir a **Un chant d’amour** de Genet para perceber essa diferença, basta ver como tantas vezes a representação da homossexualidade em filmes europeus, para ficar pelo que nos é mais próximo, não implica qualquer julgamento moral, sendo apenas mais um elemento necessário para restituir a complexidade do mundo.

Eventualmente demasiado tolhido pela sua missão “correctora” e por um formato excessivamente demonstrativo, **The Celluloid Closet** não faz esquecer o grande filme sobre a homossexualidade enquanto fantasma que, entre as imagens, atravessa a história do cinema americano. O corrosivo **Rock Hudson’s Home Movies**, de Mark Rappaport (feito apenas três anos antes deste **The Celluloid Closet**), mostrava com uma muito maior inteligência, ironia e sentido de nuance como a filmografia desse ator, mesmo sem ter alguma vez saído do “armário de celulóide”, pode ser lida como uma persistente assombração da figuração homossexual no inconsciente de Hollywood.

Nuno Sena